

**MODO, EXTENSÃO
TEMPORAL, TEMPO
VERBAL E RELEVÂNCIA
CONTRASTIVA NA
LÍNGUA TERENA**

por
Nancy E. Butler

traduzido por
Mary L. Daniel

Publicação da
Sociedade Internacional de Lingüística
Primeira edição 1978
Atual revisão 2007
com ortografia atualizada

ÍNDICE

- 0 Introdução
- 1 Modo, geral
 - 1.1 Formas superficiais
 - 1.2 Escolha de modo verbal com relação à função da língua
 - 1.2.1 Categorias de uso obrigatório do modo potencial
 - 1.2.1.1 Imperativo e condicional
 - 1.2.1.2 Imperativos
 - 1.2.1.3 Condicionais
 - 1.2.1.4 Formas verbais introduzidas por conjunções com significado contrafactual
 - 1.2.2 Categorias de uso facultativo dos modos potencial ou atual
 - 1.2.2.1 Conjunções de tipo *imókone* 'até (que)'
 - 1.2.2.2 Formas futuras
 - 1.2.2.3 Perguntas com palavra interrogativa
- 2 Extensão temporal: durativa/pontual
 - 2.1 Orientação durativa como extensão temporal fundamental
 - 2.2 Extensão temporal com relação a classe verbal
 - 2.2.1 Estativos
 - 2.2.2 Ativos
 - 2.2.3 Existenciais
 - 2.3 Significado do conceito pontual
 - 2.3.1 Orientação pontual em estativos—o incoativo
 - 2.3.2 Orientação pontual em verbos ativos—momentâneo vs. unitário
 - 2.3.3 Orientação pontual em verbos existenciais—intemporalidade
 - 2.4 Extensão temporal e eventos ou estados de fundo
 - 2.5 Neutralização
 - 2.5.1 Em eventos ou estados de fundo
 - 2.5.2 Em formas negadas
 - 2.5.3 Em formas futuras
 - 2.5.4 Em formas verbais com função modificadora

3 Sistema temporal/aspectual (futuro/não-futuro)

3.1 Futuro

3.1.1 O futuro no passado

3.2 Interpretação temporal em formas verbais não-futuras

3.2.1 Contextos lingüísticos

3.2.1.1 Locuções temporais com orientação durativa

3.2.1.2 Locuções temporais com orientação pontual

3.2.1.3 Tipo discursivo e interpretação temporal

3.2.2 Contextos extra-lingüísticos e interpretação temporal

3.2.3 Interpretação temporal em orações temporais

4. Sufixo -ne em relevância contrastiva

4.1 Geral

4.2 Relevância contrastiva com relação a tempo

4.2.1 -Ne em discursos, no contexto de oração temporal

4.2.2 -Ne no contexto da fala

4.2.2.1 Relevância atual em formas com orientação pontual

4.2.2.2 Relevância atual em formas com orientação durativa

4.2.2.3 Comparação de formas contrastivas e não-contrastivas

4.3 Relevância contrastiva com relação a lugar

4.3.1 -Ne com sufixo objetivo de terceira pessoa -a

4.3.2 -Ne com sufixo -Vye

4.4 Relevância contrastiva com relação a maneira

4.5 Relevância contrastiva com relação a grau

5 Notas

Apendice 1 Classe verbal

Apendice 2 Posição acentual

Apendice 3 Usos de formas de orientação pontual e durativa

Lista 1 Padrao dos modelos atual e potencial

Lista 2 Estativos—modo atual

Lista 3 Ativos--modo atual

O. Introdução

Foram escolhidas para serem analisadas no presente trabalho quatro categorias de flexão verbal: modo, extensão temporal, tempo verbal e relevância contrastiva. São estas as categorias que contribuem às relações temporais no sistema verbal da língua Terena¹; todas quatro devem ser estudadas, pois todas dizem respeito a tais relações. A ordem de apresentação segue uma progressão lógica. Analisa-se em primeiro lugar, o modo pois esta categoria pode ser estudado sem conhecimento prévio das outras três. A seguir se apresenta a extensão temporal por ser esta de alcance mais limitado que o tempo verbal, que aparece em terceiro lugar, abrangendo tanto o sistema modal quanto o de extensão temporal. Finalmente é introduzida a relevância contrastiva para completar análise das relações temporais².

1. Modo, geral

O modo de um verbo pode ser atual ou potencial. Este tem que ver com não-realidade, possibilidade, e atividade indefinida, e aquele com certeza e realidade.

1.1 Formas superficiais

O modo atual é realizado normalmente por uma forma verbal superficial definida, e o modo potencial por uma forma indefinida. No negativo, porém, inverte-se este princípio, expressando-se o modo atual por uma forma superficial indefinida e o potencial por uma forma definida. Os quadros seguintes mostram resumidamente tal disposição verbal.

<u>FUNDAMENTAL</u>	Modo	Forma superficial	
	Atual	definida	indefinida
		X	
Potencial		X	

<u>MARCADO</u> (negativo)	Modo	Forma superficial	
	Atual	'hoko' + definida	'ako' + indefinida
			X
Potencial	X		

A forma definida é considerada a forma superficial fundamental do verbo. O processo de derivação das formas verbais indefinidas das definidas salienta duas classes verbais: classe -xo e classe a-³. Os verbos da classe -xo derivam sua forma indefinida pela alteração em a de todo o da forma definida. Os verbos da classe a- derivam sua forma indefinida pela prefixação de a- à forma definida⁴.

Exemplo:

	Modo atual	Modo potencial
Classe -xo	oyé 'eko 'ela cozinha'	ayé 'eka 'que ela cozinhe'
Classe a-	laká 'i 'fica molhado'	aláka 'i 'que fique molhado'

1.2 Escolha de modo verbal com relação à função da língua

No caso de algumas categorias semânticas, é fixa a escolha modal; em outras, é aberta. Assim, na descrição de ação habitual ou completa, é obrigatório o uso do modo atual. No caso de verbos imperativos e condicionais, ou de formas verbais introduzidas por certas conjunções de significado contrafactual, é obrigatório o modo potencial. Nas formas futuras do verbo, pode-se usar o modo atual ou potencial, conforme o matiz desejado. Igual é o caso das formas verbais que seguem a perguntas com palavra interrogatória ('perguntas Wh') e dos verbos introduzidos por determinadas conjunções, como imókone 'até'. Tais conjunções podem introduzir um evento já realizado (no qual caso se emprega um verbo no modo atual) ou uma ação ainda por se realizar (no qual caso se usa um verbo no modo potencial). Vêm-se a seguir de forma gráfica as possíveis opções modais:

ESCOLHA MODAL FIXA

Categoria Semântica	Atual	Potencial
Ação habitual ou completa	<u>isúkoa</u> 'ele o bate/ bateu'	
Ação completa (orientação de período contínuo)	<u>isukoâti</u> 'ele está/estava batendo-o'	
Imperativo		<u>isíkaa</u> 'bata-o'
Condicional		<u>isikâa</u> 'se você o bater /batesse'
Determinadas conjunções como <u>ínapo</u> 'de outra maneira'		<u>ínapo isikâa</u> 'de outra maneira, você o teria batido'

ESCOLHA MODAL ABERTA

Categoria Semântica	Atual	Potencial
Futuro	<u>isukoâtimo</u> 'ele o baterá'	<u>isukâa(mo)</u> 'talvez ele o bata/ele é capaz de batê-lo'
Determinadas conjunções como <u>imókone</u> 'até' e <u>ina</u> 'então'	<u>imókone isukôa</u> 'até que ele o bateu' <u>ina isukôa</u> 'então ele o bateu'	<u>imókone isukâa</u> 'até que ele o bata' <u>ínamo isukâa</u> 'então ele o baterá'
Com perguntas com palavra interrogativa:		
<u>Kuti</u> 'o que/quem'	<u>Kuti isukôa?</u> 'Quem o bateu?'	<u>Kuti isukâa?</u> 'Quem seria que o bateu?'
<u>Na</u> 'onde/quando'	<u>Na yóno?</u> 'Aonde ele foi?'	<u>Na yána?</u> 'Aonde ele teria ido?'

Na seção 2. as formas do modo atual serão ainda analisadas com relação à opção de Extensão Temporal. O modo potencial se analisa mais detalhadamente a seguir.

1.2.1 Categorias de uso obrigatório do modo potencial

1.2.1.1 Imperativo e condicional

Nas categorias imperativa e condicional, note-se que as formas superficiais de ambas apresentam forma verbal indefinida, distinguindo-se uma da outra por posição acentual: nas formas imperativas ocorre o acento de primeira posição e nas condicionais o acento de segunda posição. (V. informação adicional sobre posição acentual no Apêndice 2.)

1.2.1.2 Imperativos

Notem-se as seguintes formas imperativas:

<u>Imperativo</u>	Yayé 'ekaa . Você-cozinhe-o	'Cozinhe-o.'
<u>Hortativo</u>	1) Ayé 'engaa . Eu-cozinhe-o	'Deixe-me cozinha-lo/ 'Posso cozinhá-lo?'
	2) Vayé 'ekaa . Nós-o-cozinhe-mos	'Vamos cozinha-lo/ 'Vamos cozinha-lo?'
	3) Ayé 'ekaa .	'Deixe que ela a cozinhe/ 'Ela deve cozinhá-lo?'

Com entonação hortativa (não-ascendente), o sentido da locução é 'permitir/deixar/poder', no caso de qualquer sujeito. Com entonação interrogativa (ascendente), o sentido é 'dever/irá⁵',

ouvindo-se mais comumente nas formas singular e plural da primeira pessoa, i.e., os exemplos (1) e (2).

1.2.1.3 Condicionais

Os condicionais (marcados com acento de segunda posição) podem ser hipotéticos ou contrafatuais. Nos contrafatuais, tanto a oração condicional (prótase) quanto a conseqüencial (apódose) levam o sufixo contrafatural -ni (v. exemplo 3). Exemplos:

- 1) (Enepo) aye'éka-a, niko-â-ti-mo ûti⁶. (Conseqüência simples)
(Se) ela-o-cozinhar, comê-lo-perído-fut. nós.
'Se ela o cozinhar, nós o comeremos.'
- 2) (Enepo) aye'éka-a, mani niko-â-ti ûti. (Hipotético)
(Se) ela-o-cozinhar, iríamos comê-lo-perído nós.
'Se ela o cozinhasse, nós o comeríamos.'
- 3) Eneponi aye'éka-a, mani niko-â-ti ûti. (Contrafatural)
Se-fosse ela-cozinhá-lo, iríamos comê-lo-perído nos.
'Se ela o tivesse cozinhado, nós o teríamos comido.'

Nos exemplos (1) e (2) as orações com 'se' têm conteúdo cognitivo que pode ser verídico. O exemplo (3), porém, se diferencia do (1) pelo fato de ser aquele de natureza mais hipotética ou teórica e este uma declaração direta de condição e conseqüência. Em contraste com os exemplos (1) e (2), a oração com 'se' do exemplo (3) tem conteúdo cognitivo que não pode ser verídico. Tal situação é marcada por -ni, tanto na oração com 'se' (eneponi) quanto na conseqüência (mani).

1.2.1.4 Formas verbais introduzidas por conjunções com significado contrafatural

Além do seu uso com imperativos e condicionais, o modo potencial é fixo também no caso de formas verbais após determinadas conjunções, como ínapo 'de outra maneira/se não', que descrevem o resultado alternativo de condições diferentes das declaradas. Exemplo:

- Ako veka yâye ínapo nainjâ-a. (Forma indefinida após ínapo)
Não ele-passou aqui de-outra-maneira eu-o-veria.
'Ele não passou por aqui se não eu o teria visto.'

É dizer, 'Se ele tivesse passado por aqui, eu o teria visto.' (Mas, já que eu não o vi, é sinal de que ele não passou por aqui.)

1.2.2 Categorias de uso facultativo dos modos potencial ou atual

1.2.2.1 Conjunções como imókone 'até (que)'

Em contraste com as conjunções como ínapo 'de outra maneira/se não', que dizem respeito a alternativas não-realizadas e pedem portanto verbo no modo potencial, há outras conjunções como imókone 'até (que)' que introduzam verbos nos dois modos. Quando tal conjunção é usada com um verbo no modo atual, refere-se a uma ação específica habitual ou já completa. Quando usada com um verbo no modo potencial, introduz uma ação ainda por se realizar.

Assim se contrastam (1) e (2):

- 1) Ako imánga imókone seôpo. (Forma definida após imókone)
Não eu-dormir até ele-chegar-casa.
'Eu não dormi até que ele chegou em casa.' (ação completa)
ou
'Eu não durmo até que ele chega em casa.' (ação habitual)
- 2) Ákomo imánga imókone seâpa. (Forma indefinida após imókone)
Não-futuro-eu-dormir até ele-chegar-casa.
'Não vou dormir até que ele cheque em casa.'

Note-se que no exemplo (1) o verbo após imókone 'até (que)' aparece no modo atual (forma definida), dando a entender que a ação correspondente é habitual ou já foi realizada, uma vez que o tempo é recuperável desde o momento do discurso. (V. mais informação sobre tempo cronológico e tempo verbal na seção 3.)

No exemplo (2) o verbo após imókone aparece no modo potencial (forma indefinida), dando a entender que a ação correspondente está por ser realizada ainda. A 'chegada dele em casa' é ainda futura e o 'dormir' não se realizará até se realizar aquela chegada.

1.2.2.2 Formas futuras

De igual maneira, a ação futura se pode expressar por formas verbais de qualquer dos modos. Com o modo atual, fala-se da ação futura com exatidão: O falante vive na expectativa de que determinado evento se realize em determinado momento do futuro imediato ou distante. Não vem ao caso o fato de que, na realidade, poderia surgir tal ou qual impedimento à realização da ação esperada. Sob ponto de vista de quem fala, profere-se uma declaração firme acerca da realidade futura.

O futuro do modo potencial, pelo contrário, expressa incerteza ou atitude indefinida a respeito da ação verbal em si ou do momento de realização da mesma. Comparem-se os seguintes exemplos de uso dos modos atual e potencial com referência ao futuro:

<u>Futuro com modo atual</u>	Ikeróko-vo-ti-mo. Cair-reflexivo-período-futuro. 'Você cairá.'
<u>Futuro com modo potencial</u>	Ikeráka-pu-mo ⁷ . Cair-reflexivo-futuro. 'Você é capaz de cair.'

Cada vez que entra um elemento de incerteza, emprega-se o modo potencial. Assim, mesmo que o falante tenha intenção firme de realizar tal ou qual ato, se o fator temporal for indefinido, será usado o futuro com modo potencial:

Ngurikápana-mo 'Eu o trarei de volta/eu o devolverei,' subentende-se dentro do seu significado contextual da seguinte maneira--'Com certeza devolverei isto quando terminar de usá-lo, mas ainda não sei quando será, se esta tarde ou amanhã ou mais tarde.' O modo potencial serve para comunicar o grau de incerteza latente na declaração.

1.2.2.3 Perguntas com palavra interrogativa

No caso de perguntas com palavra interrogativa (as chamadas perguntas Wh), o modo não é fixo, empregando-se verbos dos dois modos. Entre as palavras interrogativas mais usuais figuram:

Kuti	'Quem/oque' ⁸
Na	'Onde'
Na(kixo)-Vye	'Como'

O verbo em modo potencial apresenta-se de forma marcada numa pergunta Wh e é usado para expressar um elemento de possibilidade, dúvida ou curiosidade de parte do interlocutor. No seu sentido mais forte, pressupõe que este haja excluído já, como inaplicáveis, já bom número de possíveis respostas, ficando sem expectativa certa acerca da resposta provável que sua pergunta possa receber. No seu sentido mais suave, pressupõe uma série aberta de possibilidades, não se excluindo nenhuma delas mas também sem precisão acerca de qual seja a mais provável.

O verbo em modo atual numa pergunta Wh apresenta-se de forma não-marcada no que diz respeito a expectativa do interlocutor. Analisem-se as seguintes perguntas nas suas variantes atual e potencial:

NUM CONTEXTO DE TEMPO PRESENTE

Modo atual

Kuti nikô?	'Quem está comendo?'
Kuti níko?	'O que ele está comendo?'
Na yóno?	'Aonde ele vai?'

Modo potencial

Kuti nikâ?	'Quem (possivelmente) será que está comendo?'
Kuti níka?	'O que (possivelmente) será que ele está comendo?'
Na yána?	'Aonde (possivelmente) será que ele vai?'

NUM CONTEXTO DE TEMPO PASSADO

Modo atual

Kuti nikô?	'Quem comeu?'
Kuti níko?	'O que ele comeu?'
Na yóno?	'Aonde ele foi?'

Modo potencial

Kuti nikâ?	'Quem teria (possivelmente) comido?'
Kuti níka?	'O que ele teria (possivelmente) comido?'
Na yána?	'Aonde ele teria (possivelmente) ido?'

NUM CONTEXTO DE TEMPO FUTURO

Modo atual

Kutimo nikô?	'Quem vai comer?'
Kutimo níko?	'O que ele vai comer?'
Namo yóno?	'Aonde ele irá?'

NUM CONTEXTO DE TEMPO FUTURO

Modo potencial

Kutimo níká?	'Quem (possivelmente) será que vai comer (no futuro)?'
Kutimo níka?	'O que será que ele vai (possivelmente) comer (no futuro)?'
Namo yána?	'Aonde será que ele (possivelmente) irá (no futuro)?'

As perguntas com palavras interrogativas que indagam sobre maneira ('como?'), utilizando kixo ('fazer') como verbo principal com o significado de 'abilidade', formam um caso especial. Tais perguntas com kixo no modo atual são apenas retóricas, afirmando a impossibilidade de se realizar a ação declarada pelo verbo.

Exemplo:

Na kixo-a-ye yón-ea?

Como ele-fazê-lo-maneira viajar-verbo secundário sufixo verbal?

'Como é que ele pode viajar?'

(Sentido: 'Ele não pode viajar de jeito nenhum/É impossível ele viajar.' Ou ele está de cama ou não tem dinheiro, ou por outro motivo está impossibilitado de viajar.)

No mesmo tipo de pergunta de tipo 'como', porém, kixo é usado no modo potencial (formado irregularmente como ixa) em função de pedido de informação ou conselho acerca de alguma atividade com fito de averiguar a melhor maneira de realizá-la.

Exemplo:

Na íxa-ye yón-ea?

Como ele-fazer-maneira viajar-verbo secundário sufixo ?

'Como (de que maneira) é que ele deve viajar?'⁹

Uma resposta apropriada a tal pergunta seria, 'Viaje de trem até Campo Grande e tome o ônibus de lá para Cuiabá.'

Veja-se em conclusão a Lista 1, que apresenta o plano completo dos modos atual e potencial, com os dados lingüísticos competentes e seu respectivo significado.

2 **Extensão temporal: durativa/pontual**

O conceito de extensão temporal de ação verbal se formula conforme uma de duas opções: (1) a durativa realizada pelo sufixo -tí, e (2) a pontual, realizada pela ausência do sufixo -tí. Estas opções se aplicam somente a verbos que tratam eventos e estados (realidades) já realizados, ou seja a verbos no modo atual.

2.1 **Orientação durativa como extensão temporal fundamental**

No sistema de extensão temporal, pode-se considerar o aspecto durativo como termo fundamental e aspecto pontual como termo marcado, pois este se restringe no seu uso a ações realizadas ou habituais¹⁰, ao passo que aquele ocorre em todos os demais casos.

2.2 **Extensão temporal com relação a classe verbal**

A dimensão extensional se aplica de diversas maneiras às várias classes verbais, por isso o resultado semântico da aplicação desta ou daquela opção extensional é específico para cada classe. Ao estudar tais diferenças, vale a pena reconhecer as formas não-marcadas nas diversas classes verbais.¹¹

2.2.1 Estativos

No caso dos verbos estativos, a forma fundamental (não-marcada) tem orientação durativa. Isto significa, em outras palavras, que os verbos estativos descrevem normalmente o estado de seus pacientes durante determinado período temporal (mensurável ou concebível). Tal forma é sufixada por -ti 'duração'.

A forma marcada dos verbos estativos tem, pois, orientação pontual, descrevendo a mudança no estado expressado pelo verbo. Existem a este respeito as seguintes regras semotáticas:

Estativo + orientação durativa —————→ Estativo (não-marcado)

Estativo + orientação pontual —————→ Incoativo (marcado)

2.2.2 Ativos

No caso dos verbos ativos, distinguem-se por um lado verbos como namúko 'apanhar/conseguir', cuja ação é inerentemente pontual, dos que por outro lado, como nîko 'comer', apresentam ação inerentemente mais durativa. Nos verbos de orientação mais pontual, pois, a forma fundamental é pontual, carecendo portanto do sufixo -ti, ao passo que a forma marcada é durativa e sufixada por -ti. Aqueles verbos de feição inerentemente mais durativa, porém, apresentam forma fundamental de orientação durativa, manifestando o sufixo -ti, ao passo que sua forma marcada tem orientação pontual e carece portanto de sufixo -ti. Evidenciam-se, pois, as seguintes regras semotáticas:

Ação + orientação durativa —————→ Ação progressiva

Ação + orientação pontual —————→ Ação pontual

2.2.3 Existenciais

No caso dos verbos existenciais, as formas de orientação durativa são marcadas e as de orientação pontual não. Na língua Terena, o fato de existência ou não-existência exprime uma verdade geral, considerada, portanto intemporal. Em outras palavras, não se concebe uma verdade geral em termos de duração específica e por isso tal declaração aparece normalmente sem sufixo -ti 'duração' (i.e., com orientação pontual).¹² É o contrário dos verbos estativos, cuja duração é fundamental e cujo aspecto pontual marca mudança de estado (incoativo). Sendo fundamental no caso dos verbos existenciais a forma de orientação pontual, o sufixo -ti 'duração' ocorre somente quando é preciso marcar especificamente o limite da extensão temporal. Ocorre-se sufixo -ti, delimita mita a existência do verbo dentro do período sugerido ou declarado no discurso. Nota-se mais claramente a diferença entre um verbo existencial de orientação durativa e outro de orientação pontual nos exemplos seguintes com ako 'existência negativa'.

Ako lâmparina-na ûti.

(VERDADE GERAL)

Não-existir lamparina-posseção nossa.

'Não temos lamparina.'

Ákot*i* lâmparina-na *ûti*.

(EXTENSÃO LIMITADA)

Não-existir-duração lâmparina-possessão nossa.

'Ficávamos (naquela altura) sem lâmparina.'

O segundo exemplo não constitui uma verdade geral acerca da nossa possessão de lâmparina, mas simplesmente a declaração de que durante determinado período (definido pelo discurso) nos faltava lâmparina. Tal fato é manifestado pela presença do sufixo durativo -t*i* no verbo existencial negativo ak*o*.

Por ser fundamental (não-marcada), a forma pontual ak*o* mostra-se a mais neutral das formas. Por isso, no segundo exemplo, ákot*i* poderia ser substituído por ak*o* sem alteração de significado. Em tal caso, contudo, a forma verbal não seria marcada abertamente, inferindo-se o fato inteiramente do contexto. A forma ákot*i*, por outro lado, reconhece abertamente no verbo mesmo uma duração temporal limitada. Para expressar uma verdade geral (como no primeiro exemplo), ákot*i* não pode substituir ak*o* porque seria impróprio o sufixo -t*i* 'duração temporal' numa declaração intemporal.

Assim, para os verbos existenciais, evidenciam-se as seguintes regras semotáticas:

Existência + orientação durativa —————> duração temporal (marcada)

Existência + orientação pontual —————> intemporalidade (não-marcada)

2.3 Significado do conceito pontual

2.3.1 Orientação pontual em estativos--o incoativo

Até este ponto tem-se examinado a maneira em que a opção de extensão temporal (durativa/pontual), aplicada a várias classes verbais, resulta em diversas distinções de significado. Embora varie bastante o significado das formas marcadas com orientação durativa de uma classe verbal a outra, vê-se facilmente o significado fundamental do sufixo -t*i* 'duração'. É de percepção menos imediata, porém, o significado fundamental 'pontual' das formas verbais que carecem de -t*i*. Por isso compete aprofundar mais o aspecto pontual das formas que manifestam tal orientação.

No caso dos estativos, já se notou que as formas pontuais (sem sufixo -t*i*) indicam significado incoativo. Comparem-se os seguintes estativos incoativos:

imúyuko 'ficar podre'

ká'arine 'ficar doente',

laká'i 'ficar molhado'

hiyá'i 'ficar amarelo',

mômi 'ficar cansado'


kôtu 'ficar quente'

Estas formas incoativas marcam o ponto transicional entre dois estados; são consideradas pontuais no sentido de que se estima haver ocorrido uma mudança de estado no momento de realizar-se tal transição. Por exemplo, no caso da forma incoativa laká'i 'ficar molhado', pressupõe-se um estado seco inicial e normal, o qual se transforma em estado molhado, assinalando a forma incoativa o momento exato em que o seco fica molhado. Isto se pode representar da seguinte maneira:

<u>Estado</u>	Estado anterior	Mudança	Estado atual
<u>Tempo</u>	(durativo)	(pontual)	(durativo)
<u>Forma superficial</u>	<u>movó 'i-ti</u> 'estava seco'	<u>laká 'i</u> 'ficou molhado'	<u>laká 'i-ti</u> 'está molhado'

2.3.2 Orientação pontual em verbos ativos -- momentâneo vs. unitário

Nos verbos ativos de orientação pontual, um evento pode ser pontual no sentido momentâneo (i.e., ponto exato) ou no sentido unitário (vendo-se a ação como unidade completa). Em qualquer dos casos, a pontualidade contrasta com a duração (progressão) da atividade dentro dos limites temporais impostos. Veja-se, por exemplo, o verbo tetúko 'cortar' marcado alternativamente por uma orientação durativa e pontual:

<u>duração</u>		tetukoâti	'ele está cortando-o'
<u>pontual</u>	{ • (momentâneo) ■ (unitário)	tetúkoa	'ele a cortou' (corda)
		tetúkoa	'ele a cortou' (colheita de arroz)

A forma pontual tetúkoa pode descrever um ato momentâneo, decisivo; no seu sentido unitário, por outro lado, pode referir-se a um processo completo, compacto. Em contraste com ambas interpretações, porém, a forma durativa tetukoâti expressa uma atividade que se desenvolve paulativamente durante um período qualquer.

2.3.3 Orientação pontual em verbos existenciais--intemporalidade

Como já se viu, os verbos existenciais tratam principalmente verdades gerais e intemporais. Assim, não ocorrem normalmente com orientação durativa, sendo esta uma opção marcada. O significado pontual dos verbos existenciais, pois, associa-se com intemporalidade, mas pode ser concebido como aspecto fundamental e não-marcado em contraste com a opção durativa marcada.

V. no Apêndice 3 os usos das formas de orientação durativa e pontual.

2.4 Extensão temporal e eventos ou estados de fundo

Os eventos e estados de fundo são aqueles que estão subordinados a uma outra ênfase primária ou principal. Tais eventos podem ter ênfase subjativa ou objetiva, ou podem enfatizar um aspecto temporal (quando/então). Nos seguintes exemplos, sublinha-se a ênfase primária; o resto é informação de fundo.

Exemplo:

- (1) Ênfase subjativa Maria oye 'éko. 'É Maria quem cozinha/cozinhou/
está cozinhando/estava cozinhando.'

- (2) Ênfase objetiva Xúpu oyé'eko. 'É mandioca que ela cozinha/cozinhou/
está cozinhando/estava cozinhando.'

Ênfase temporal

- (3) Oração com 'quando' Oye'éko ne Maria, ngipóheoti.
Quando-ela-cozinhar a Maria, eu lavar-duração.
'Quando Maria cozinhava, eu lavava roupas.'
- (4) Oração com 'então' Oyé'eko ne titia ina oye'éko ne Maria.
Ela-cozinhar a tia então ela-cozinhar a Maria.
'Titia cozinhou, então Maria cozinhou.'

No caso de (1) o ato de cozinhar desempenha papel secundário perante a agente, Maria, e no caso de (2) desempenha papel semelhante com relação ao objeto cozinhado .

Semelhantemente, no caso de (3) e (4), o evento descrito pelo verbo da oração temporal é relegado a segundo plano em comparação com o da oração primária.

Eventos e estados de fundo são assim assinalados pela perda da opção de extensão temporal e por uma posição acentual marcada. (V. informação adicional sobre posição acentual no Apêndice 2.)

2.5 Neutralização

2.5.1 Em eventos ou estados de fundo

Por não ser operante em eventos ou estados de fundo a opção de extensão temporal, é neutralizada em tais formas a distinção entre aspecto durativo e pontual. Isto não significa, contudo, que já não exista tal distinção, mas somente que não pode ser marcada abertamente. Exemplifica-se este fato na seguinte sentença:

Ehehépixo kiyakáxeke, simóne xo'ópeti-na.

Quando-ele-descascar (mandioca) ontem, chegar visitante-posseção.

'Quando ele estava descascando mandioca ontem, seu visitante chegou.'

A informação de fundo fica sem sublinhar, ao passo que o evento principal aparece sublinhado. É evidente que o evento de fundo na oração temporal --'quando ele estava descascando' -- ocorria durante um período de tempo. Existe a distinção de extensão temporal no evento de fundo apesar de não poder ser marcada abertamente na forma verbal devido à natureza secundária da ação. Se fosse marcada pelo sufixo -ti, seria anulada a distinção entre os eventos de primeiro e segundo plano, sendo iguais nos dois casos as formas superficiais.

2.5.2 Neutralização em formas negadas

Ocorre neutralização também em toda forma negada. Já que a distinção durativa/pontual é apropriada somente para ações completas,¹³ não pode ser opção no caso de formas negadas¹⁴ por não tratar a negação de acontecimentos realizados. Assim, uma forma evidentemente negativa, ako aláka'i, por exemplo, é a contraparte negativa de duas formas: laká'iti 'está/estava molhado', de orientação durativa, e laká'i 'fica/ficou molhado', de orientação

pontual (incoativo). As distinções durativas/pontuais, pois, marcadas abertamente nas formas positivas são neutralizadas na negativa.¹⁵

2.5.3 Neutralização em formas futuras

Observa-se a neutralização também em verbos futuros do modo atual. As formas futuras e negadas apresentam em comum a característica de não serem eventos realizados, já completos. A diferença, porém, dos eventos negados (que não constituem 'realidade' nem podem sê-la), os eventos futuros possuem toda possibilidade de se tornarem realidade, a menos que haja interferência de circunstâncias adversas. Não está excluída, pois, a opção de extensão temporal nas formas futuras. Nos verbos futuros do modo atual, evidencia-se esta compatibilidade futura pela presença de -ti 'duração', o membro não-marcado da oposição durativa/pontual.¹⁶ O sufixo -ti, então, é obrigatório com formas futuras do modo atual, mas está presente como membro não-marcado da oposição de extensão temporal, não como marcador de distinção durativa/pontual no momento presente do discurso. Assim, uma só forma futura -- laká'itimó-- constitui a contraparte futura, tanto da forma durativa quanto da pontual, podendo significar 'ficará molhado' ou 'estará molhado'. (V. Lista 2.)

2.5.4 Neutralização em formas verbais com função modificadora

Mais um caso de neutralização e o de formas verbais usadas em função modificadora.

Exemplo:

Enepone sêno oye 'ékoti mongexa.

Aquela mulher cozinhar-duração minha-irmã.

'Aquela mulher que cozinha/cozinhou, está/estava cozinhando é minha irmã.'

A forma verbal oye'ékoti modifica 'mulher'. O sufixo durativo -ti marca abertamente tal função.¹⁷ Por funcionar o sufixo -ti ao nível de oração para assinalar a função modificadora, não pode ao mesmo tempo funcionar ao nível de palavra para marcar a distinção durativa/pontual do sistema de extensão temporal. O sufixo -ti está presente obrigatoriamente ao nível de oração, mas sua presença seria facultativa ao nível de palavra. Assim, resulta a neutralização da opção de extensão temporal, e por isso uma forma verbal como oye'ékoti no exemplo acima citado pode significar cozinha/cozinhou ou está/estava cozinhando.

3 Sistema temporal/aspectual (futuro/não-futuro)

O sistema de tempo verbal na língua Terena consiste numa divisão bilateral entre futuro e não-futuro. As formas do futuro são marcadas abertamente com sufixo futuro -mó. As formas não-futuras carecem de designação evidente.

3.1 Futuro

Na seção 1.2.2.2 as formas futuras são analisadas com referência ao seu modo verbal. O sufixo futuro -mó significa tempo subsequente ao momento da fala ou discurso. Na oração mbihotí-mó 'irei', portanto, o sufixo -mó se refere ao tempo posterior ao momento de se proferirem as palavras citadas.

3.1.1 O futuro no passado

O sufixo -mo pode ser usado também num contexto temporal passado, no qual caso -mo se refere a um tempo subsequente ao momento do discurso. Este uso de -mo 'futuro no passado' é mais comum com falas indiretas.

Exemplo:

Lûmingu pihô-ti éto'oko-nu pîh-ea-mo.
Domingo foi-duração ele-disse-me ele ir-fala indireta-futuro.
'Domingo passado ele me disse que iria.'

O verbo secundário pîheamo é marcado para fala indireta pelo sufixo de verbo secundário -ea e é marcado para futuro pelo sufixo -mo. Assim, a ida dele, sendo subsequente ao momento em que ele me falou, merece forma futura — o futuro no passado.

O exemplo seguinte mostra um uso semelhante com fala mais direta.

Anú'uko-vo-ne káxe. Áko-ne-mo énjapana óvoku.
Exeder-reflexivo-então dia. Não-mais-futuro sei lugar-dela.
'A data já tinha passado. Eu não saberia mais onde encontrá-la.'

Este exemplo é tirado de um texto em que um homem ia a um lugar distante para buscar a sua filha e levá-la para casa. Ele devia ter buscado a moça antes de determinado dia porque subsequente ela iria mudar de lugar e seu novo endereço seria desconhecido de seu pai. Apesar dos esforços deste, o dia passou sem ele chegar ao lugar combinado. Ele bem sabia que sua filha tinha ido embora a outro lugar e que, quando ele chegasse ao primeiro lugar, ela já não estaria lá e ele não poderia encontrá-la mais. Por isso o pai, ao contar o caso e prever o futuro já passado, utiliza com intenção antecipada o verbo com -mo.

3.2 Interpretação temporal em formas verbais não-futuras

Nas formas não-futuras, o tempo não é marcado abertamente no verbo mesmo, derivando-se antes do contexto discursivo, i.e. o ambiente lingüístico ou extra-lingüístico.

3.2.1 Contextos lingüísticos

Nota-se no exame dos contextos lingüísticos que o ambiente temporal de uma forma verbal futura pode ser proporcionado por uma palavra temporal como kiyakáxe-gue 'ontem' ou uma oração temporal como símo ne Maria 'quando Maria veio'. Pode ser dado também pelo tipo discursivo, i.e., narrativo ou processual, por exemplo. Ao analisar tais contextos lingüísticos, vale a pena considerá-los com referência à opção de seqüência temporal (durativa/pontual).

3.2.1.1 Locuções temporais com orientação durativa

As locuções temporais com formas de orientação durativa resultam numa distinção específica de tempo presente/passado. Comparem-se os seguintes exemplos:

Estativo durativo	{	Laká'iti kó'oyene.	'Está molhado <u>agora/hoje</u> .'
		Estar-molhado <u>hoje</u> .	
		Laká'iti kiyakáxeke.	'Estava molhado <u>ontem</u> .'
Ativo durativo	{	Nikôti kó'oyene.	'Ele <u>está</u> comendo <u>agora/hoje</u> .'
		Comer <u>hoje</u> .	
		Nikôti guiyakáxegue.	'Ele estava comendo <u>ontem</u> .'
	{	Comer <u>ontem</u> .	

3.2.1.2 Locuções temporais com orientação pontual

O resultado no caso de formas verbais de orientação pontual é uma distinção entre atividades intemporais e as que são temporalmente específicas, como se vê nos exemplos seguintes:

<u>Estativo</u> pontual	{	1) Laká'i ne mâreso-na ikokúti enepo kévo úko. Ficar-molhada a corda-possuída poço quando quando-chover chuva. 'A corda do poço <u>fica</u> molhada quando chove.' (INTEMPORAL-HABITUAL)
		2) Laká'i ne mâreso-na ikokúti kó'oyenemeku Ficar-molhada a corda-possuída poço agora-recentemente enepo kévo úko. quando quando-chover chuva. 'A corda do poço <u>ficou</u> molhada agora mesmo quando choveu.' (TEMPO ESPECÍFICO)
<u>Ativo</u> pontual	{	3) Yónoa uhá' koeti káxe. Ir-o (lá) todo ser dia. 'Ele <u>vai</u> lá todos os dias.' (INTEMPORAL-HABITUAL)
		4) Yonoa yanekôyo ka'aríne ôxu. Ir-o (lá) naquela época quando-doente avô-dele. 'Ele <u>foi</u> lá naquela época quando o avô dele estava doente.' (TEMPO ESPECÍFICO)

Note-se que em (1) e (2) acima, as formas incoativas (estativas pontuais) são superficialmente iguais, i.e., laká'i. Em (1) a oração temporal kévo úko 'quando chove', que proporciona o ambiente temporal da oração inteira, deve interpretar-se como intemporal/habitual. Isto por sua vez dá a interpretação intemporal 'fica molhada' para o verbo principal¹⁸. Em (2) a locução ko'oyenemeku 'agora mesmo' interpreta a ação verbal como evento específico já realizado, daí 'ficou molhada' e 'quando choveu'. Em (3) a expressão uhá' koeti káxe 'todos os dias' (habitual) interpreta yónoa como 'ele vai', ao passo que em (4) yanekôyo 'naquela época' (tempo específico) interpreta yónoa como 'ele foi'.

3.2.1.3 Tipo discursivo e interpretação temporal

Após analisar as palavras e locuções temporais como contexto temporal de verbos não-futuros, compete considerar o ambiente temporal relativo a tipo discursivo.

Dado um discurso narrativo, os eventos principais (em contraste com informação de fundo ou secundária) serão ações já realizadas, a menos que sejam marcados como intemporais ou habituais por uma locução como 'cada vez que (chove)' ou por uma palavra como 'sempre' ou 'todos os dias'.

Assim, num discurso narrativo, a sentença seguinte se subentenderia como referente a um evento específico já realizado:

Mapú'iko-a ûti ina kalikéxo-a ûti ina v-iropókexo-a.

Descascá-lo nós então cortar-pedacinhos-o nós então nós-fritá-lo.

'Nós o descascamos, então o cortamos em pedacinhos, e então o fritamos.'

(pret.)

(pret.)

(pret.)

Dado um discurso processual, porém (o qual seria introduzido por uma declaração como 'É isto que fazemos quando cozinhamos abóbora. '), a seqüência de eventos não se refere a tempo já realizado, mas é uma série de ações habituais que se realizam cada vez que se repete determinada atividade.

Assim, num discurso processual, o exemplo acima referido, embora superficialmente igual em forma, se entenderia como 'Nós o descascamos (sempre), então o cortamos e então o fritamos.'

Além da sua declaração introdutória, os discursos processuais se caracterizam pela pessoa-sujeito do verbo e voz. Ocorre ou a terceira pessoa da voz passiva ou a primeira da voz ativa. O primeiro exemplo a seguir mostra a vinculação 3ª pessoa-voz passiva, sendo representada esta pelo sufixo reflexivo -vo. O segundo exemplo ilustra a vinculação 1ª pessoa-voz ativa.

- 1) Mapú'iko-vo ina kalikéxo-vo ina iropókexo-vo.
Descascar-reflex. então cortar-pedacinhos-refl. então fritar-reflex.
'É descascado, então cortado em pedacinhos, então frito.'
- 2) Mapú'iko-a ûti ina kalikéxo-a ûti ina v-iropókexo-a.
Descascá-lo nós então cortar-pedacinhos-o nós então nós-fritá-lo.
'Nós o descascamos, então o cortamos em pedacinhos, então o fritamos.'

3.2.2 Contextos extra-lingüísticos e interpretação temporal

Há certos contextos não-lingüísticos que determinam o matiz temporal de formas verbais não-futuras. Veja-se, por exemplo, a seguinte situação. Alguém se aproxima de João e pergunta,

Nâku mekéxa?

Onde sua-irmã?

'Onde está sua irmã?'

Sem expressão temporal qualificadora do tipo kiyakáxe ke 'ontem' ou símo Maria 'quando Maria veio', dando um contexto lingüístico específico, subentende-se significado como

referente ao tempo presente. Em tal caso, João poderia responder, Oye'ékoti. 'Ela está cozinhando.' Não há na resposta indicação de tempo passado, por isso se entende que Maria está ocupada no ato de cozinhar no momento em que seu irmão João responde a pergunta.

Se, porém, o assunto da conversa é o casamento de Pedro e Ana (ocorrido, como todo mundo sabe, na semana passada), a pergunta Nâku mekéxa? pode ser respondida por João da seguinte maneira: Oye'ékoti, ákoinoke pîha. 'Ela estava cozinhando, e é por isso que ela não foi.'

Embora sejam iguais as formas superficiais dos dois verbos citados com Oye'ékoti, são diversos os contextos discursivos. O tempo, pois, no caso de formas verbais não-futuras, é derivado do contexto lingüístico ou extra-lingüístico e não de indicações evidentes na forma do verbo mesmo.

3.2.3 Interpretação temporal em orações temporais

As orações temporais no modo atual¹⁹ derivam também seu conceito temporal do contexto discursivo integral. Assim, no exemplo,

Laká'i ne mãresona ikokúti enepo kévo úko.
'A corda do poço fica molhada quando chove.'
(Exemplo 1, 3.2.1.2)

a oração temporal 'quando chove' subentende-se como intemporal a menos que prevaleça uma das duas condições seguintes:

- 1) Ocorrência de uma palavra temporalmente específica, como 'agora mesmo' ou 'ontem', na mesma oração, ou
- 2) exigência de parte do contexto extra-lingüístico

Como exemplo do primeiro caso, veja-se o exemplo 2, seção 3.2.1.2, no qual kó'oye-nemeku 'agora mesmo' interpreta a oração com 'quando' como sendo temporalmente específica.

Como exemplo do segundo caso, pode-se supor um contexto extra-lingüístico de chuva recente. Neste caso a ação verbal do exemplo acima referido --'chover'-- deve ser interpretada como evento específico; seu significado correto será, pois, 'A corda do poço ficou molhada quando choveu.' Em tal ambiente, se fosse desejada uma interpretação intemporal, seria obrigatório empregar uma palavra como kóyekune 'sempre', que expressa intemporalidade.

Exemplo:

Kóyekune²⁰ laká'i-yea, enepo kévo úko.
Sempre-ser ficar-molhado-secundário-verbo-sufixo, quando quando-chover chuva.
'Sempre fica molhado quando chove.'

Se, porém, o contexto extra-lingüístico fosse tal que não tivesse realmente chovido, prevaleceria o significado intemporal. Desejando-se em tal contexto um significado temporalmente específico, seria preciso empregar uma locução de especificidade temporal como kohê pihôti 'no mês passado'.

Assim, também as orações temporais,²¹ no modo atual, são interpretadas como sendo de evento específico e tempo realizado ou de feição intemporal/habitual à base do discurso ou do contexto extra-lingüístico.

4 Sufixo -ne em relevância contrastiva

4.1 Geral

O sufixo -ne significa em geral "relevância contrastiva". Ocorre em substantivos e verbos.

No caso dos substantivos, serve para diferenciar um item possuído de todos os outros itens semelhantes de uma classe, com significado resultante de 'próprio'/ 'de ... mesmo'.

Exemplo:

yêno	'a esposa dele'
yenône	'a esposa dele mesmo' (não de outrem)

No caso dos verbos, o sufixo -ne pode ter relevância contrastiva com relação a tempo, lugar, maneira ou grau .

4.2 Relevância contrastiva com relação a tempo

O sufixo -ne, pode manifestar relevância contrastiva com relação a tempo discursivo ou tempo (momento) de fala.

4.2.1 -Ne em discursos, no contexto de oração temporal

Sob ponto de visto do tempo discursivo, consideramos exemplos do sufixo -ne em verbos num contexto de oração temporal. Em tal contexto, o -ne vincula o tempo (hora, época) do evento narrado por aquele verbo ao tempo da oração temporal. Neste sentido, coloca contrastivamente este como o tempo relevante em contraste com outro tempo (hora, época) qualquer.

Exemplo:

Símo Miranda-ke kavânea-ne ómone.

Quando-ele-chegar Miranda-em vender-então trouxe-coisas.

'Quando ele chegou em Miranda, vendeu naquele momento as coisas que tinha trazido.'

O sufixo -ne no verbo kavâneane está no contexto da oração temporal Símo 'quando ele chegou', tornando aquele tempo (a hora da chegada dele em Miranda) o tempo (momento) relevante para a venda dos objetos que ele tinha trazido. Além disso, este tempo definido pela oração temporal contrasta com qualquer outro tempo como relevante para o ato de vender.

Compare-se também:

Hukinóvotipo neko mopo'âti xé'a oposíko-ne koêku
Por isso aqueles 3 filhos buscaram-então seu-caminho

nôixo enepo noko'evo apêti xoko há'a.
quando-ver que sua-necessidade sendo com pai-deles.

'Por isso aqueles 3 filhos foram buscar ventura quando viram as necessidades que existiam lá com o pai deles.'

O sufixo -ne em oposíko-ne está no contexto da oração temporal nôixo 'quando viram', tornando aquele tempo (momento) propício ou relevante para a saída deles em busca de ventura, em contraste com qualquer outro tempo .

Quando o verbo da oração temporal mesma leva sufixo -ne, o efeito deste é de estabelecer a ação do verbo da oração temporal como ocorrida antes da ação do verbo da oração principal.

Exemplo:

Kavane-â-ne ômone, pihôpo-ne.

Quando-ele-vendê-lo então suas-trouxe-coisas, ele foi-casa-então.

'Quando ele tinha vendido as coisas que tinha trazido para vender, voltou para casa.'

Nzimo-né'e kukúkeke ne uhôro mbikó-ne.

Quando-eu chegar-então no meio-do buraco eu-ter-medo-então.

'Quando eu tinha chegado até o meio do buraco (poço) tive medo então/naquele momento.'

O sufixo -ne em Nzimoné'e²² estabelece a ação de chegar como anterior àquela de ter medo. Uma maneira mais neutral de expressar o mesmo conceito seria a omissão do sufixo -ne na oração 'quando'. Assim, o mesmo evento cognitivo seria descrito, mas com margem para a realização simultânea das ações verbais da oração 'quando' e da oração principal. O exemplo anterior está em com o que segue:

Nzimo kukúkeke ne uhôro mbikó-ne.

Quando-eu-chegar no meio-de o buraco, eu-ter-medo-então.

'Quando cheguei até o meio do buraco, tive medo então/naquele momento.'

Neste caso a ação de chegar não está marcada como anterior à de ter medo; podia ser prévia ou simultânea. Na forma Nzimoné'e, porém (v. exemplo anterior), a ação de chegar é apresentada explicitamente como prévia à de ter medo (por mais ínfimo que seja o grau de anterioridade).

No caso de não haver oração temporal na função de contexto temporal, o tempo do evento discursivo imediatamente anterior serve de vinculação temporal para o evento apresentado pelo verbo com sufixo -ne, tornando-se aquele o tempo de relevância contrastiva.

Exemplo:

Úkeane piho-híko ra mopo'âti hóyeno.

De-lá ir-plural estes 3 homens.

Namú' kixo-ne xêne áko-ti éxa-a yónoku.

Peqar fazer-então caminho não-duração sabê-lo fim-lugar.

'Estes 3 homens saíram de lá. Tomaram então um caminho sem saberem para onde levavá.'

Neste exemplo, o ponto temporal de tomarem o caminho está vinculado ao tempo do evento anterior, a saída deles (em busca de ventura). Aquele é o tempo apresentado como de relevância contrastiva com o evento do verbo com sufixo -ne, i.e., Namú' kixó-ne.

4.2.2 -Ne no contexto da fala

4.2.2.1 Relevância atual em formas com orientação pontual

Um dos usos mais comuns de -ne é com verbos ativos de orientação pontual, tornando-se relevante o tempo atual (presente) com relação ao início ou realização da ação verbal. Desta maneira, uma forma evidente, como nikône, pode ser usada num sentido de início relevante a presente (em cujo caso significa 'já começou/tem começado a comer') ou num sentido de realização completiva relevante a presente (no qual caso significa 'já comeu/ tem comido').

Se, por exemplo, o contexto situacional²³ apresentasse alguém sentado à mesa comendo, nikône iria significar 'ele já começou a comer'. Se, pelo contrário, ninguém está evidentemente no ato de comer, nikône irá referir-se à realização completiva relevante a presente 'ele já comeu'.

É, portanto, o contexto que interpreta se o -ne torna o tempo atual relevante a início ou realização de uma ação verbal. O quadro seguinte mostra as duas interpretações:

Relevância atual	Tempo anterior ao momento da fala	Momento da fala
<u>Iniciador</u>	falta de atividade (ninguém está comendo)	<u>ATIVIDADE</u> (comer) nikó- <u>ne</u>
<u>Completivo</u>	<u>ATIVIDADE</u> (comer) nikó- <u>ne</u>	falta de atividade (ninguém está comendo)

No caso do iniciador relevante a presente, a atividade verbal começa no momento marcado pela linha dupla, ao passo que no caso do completivo relevante a presente, cessa a atividade naquele mesmo momento/ponto cronológico.

O sentido de relevância atual de -ne vê-se também com relação ao auxiliar negativo ako.

Ako yâna.	'Ele não viaja.'
Áko-ne yâna.	'Ele <u>já não</u> viaja.'
Ako nîka.	'Ele não come.'
Áko-ne nîka.	'Ele <u>já não</u> come.'

O conceito de "relevância atual" pode entender-se no sentido de "no momento da fala" ou no de "presente geral discursivo". Num discurso disposto no tempo passado, por exemplo, Ákone yâna. significaria 'ele não viajava mais/ele já não viajava.'. Isto é, ele deixou de viajar num tempo já anterior ao discurso.

Da mesma forma em que -ne é usado com verbos ativos de orientação pontual num sentido relevante a presente, é usado também com formas estativas de orientação pontual (incoativas) para indicar mudança de estado anterior ou realizada até e incluindo o momento da fala (ou tempo discursivo). Assim, laká'ine significa que alguma coisa ficou molhada antes do tempo discursivo e continua molhada durante o tempo discursivo, daí 'tem-se molhado'.

4.2.2.2 Relevância atual em formas com orientação durativa

As formas já sufixadas com -ti 'duração' podem levar ainda o sufixo -ne. A forma laká'i-ti-ne 'está molhado agora' pressupõe um estado seco anterior, levando implícita a idéia de que o que estava seco se molhou. Niko-ti-ne 'ele está comendo agora' pressupõe um período de jejum anterior e põe em contraste tal período com o ato presente de ingestão.

4.2.2.3 Comparação de formas contrastivas e não-contrastivas

A diferença entre as formas durativas contrastivas e não-contrastivas é a seguinte:

Laká'i-ti 'Está molhado.' Não dá informação acerca do estado anterior, declarando simplesmente que alguma coisa está molhada.

Laká'i-ti-ne 'Está molhado agora.' Sugere um estado seco anterior, salientando-se o contraste entre aquele estado e a atual condição de estar molhado.

Laká'i significa simplesmente que alguma coisa ficou molhada. Refere-se unicamente ao ponto cronológico em que essa coisa deixou de estar seca e se tornou molhada. Não diz respeito ao estado atual (momento discursivo) da coisa, considerada irrelevante esta informação pelo falante. De fato, pode ainda estar ou não estar molhada, sendo incidental tal detalhe.

Laká'i-ne, por outro lado, diz respeito ao estado atual da coisa que ficou molhada. Significa que já se molhou num tempo anterior ao momento discursivo (ou da fala) e que continua molhada até pelo menos esse momento cronológico. A mudança de estado neste caso tem relevância para o presente.

Em resumo, apresentam-se em forma gráfica os verbos estativos e ativos e sua relação com o sufixo -ne nas orientações durativa e pontual:

VERBOS ESTATIVOS	Contrastivo + <u>-ne</u> (marcado)	Não-contrastivo - <u>ne</u> (não-marcado)
Durativo	<u>laká' i-ti-ne</u> 'estar molhado agora' (relevante a presente)	<u>laká' i-ti</u> 'estar molhado'
Pontual	<u>laká' i-ne</u> 'tem-se molhado' (relevante a presente)	<u>laká' i</u> 'ficar molhado'

VERBOS ATIVOS	Contrastivo + <u>-ne</u> (marcado)	Não-contrastivo (não-marcado)
Durativo	<u>niko-tí-ne</u> 'estar comendo agora' (relevante a presente)	<u>nikôti</u> 'estar comendo'
Pontual	<u>nikó-ne</u> 'começou/tem começado a comer' (iniciador) 'já comeu/tem comido' (completivo) (relevante a presente)	<u>nîko</u> 'come/comeu'

4.3 Relevância contrastiva com relação a lugar

O sufixo -ne, num verbo tem relevância locativa contrastiva quando usado com:

- (1) sufixo -a 'objeto direto da 3ª pessoa' referente a lugar, ou
- (2) sufixo -vye²⁴

4.3.1 -Ne com sufixo objetivo de terceira pessoa -a

Ocorrendo -ne num verbo em presença do sufixo objetivo de terceira pessoa -a (referindo-se a lugar), o -ne salienta como relevante ao evento verbal o lugar resentedo pelo -a.

Exemplo: (Contexto anterior). Eles enxergaram uma casa deserta. Devemos pernoitar aqui em vez de armar nossas redes num lugar qualquer na margem do rio. E por isso,
imóko-a-ne.
eles-dormiram-lá-relevância contrastiva
'eles dormiram lá.'

O -a se refere a casa deserta e o -ne salienta contrastivamente este lugar anteriormente mencionado no discurso como o local apropriado para dormirem. Dentro do contexto de uma

Êno xâne koê-ti: Hunókoku-ne ûti vivokóvo, koe-ti.
 Ser-muita gente dizer-duração: Fim-rel.contr. nosso quando-morremos, -dizer-duração
 Enepone xâne koe-tí-ne-ye ako exa yûho.
 Aquela gente dizer-duração-rel.contr.-maneira não eles-saber fala-deles.

'Há muitas pessoas que dizem: "Quando morremos, é o fim." As pessoas que falam assim não sabem o que estão dizendo.'

O sufixo -ne em companhia de sufixo -Vye salienta a maneira de falar mencionada imediatamente antes como relevante à ignorância das pessoas descritas no discurso.

4.5 Relevância contrastiva com relação a grau

O sufixo -ne pode ser usado também em verbos estativos como indício do grau superlativo em relação com o acento de 2ª posição com enfoque subjetivo.²⁵

Exemplo:

Hána 'i-ti.	'Ele é grande.'
Hana 'í-ne.	'Ele é o maior.'
Xuhéve-ti.	'Ele é de andar seguro.'
Xuhevé-ne.	'Ele é de andar mais seguro (de todos).'
Itíve-ti.	'É doce.'
Itivé-ne.	'É o mais doce.'

5. Notas

1. A língua Terena pertence à família Aruaque e é fala da por aproximadamente 5.000 pessoas que habitam a região sudoeste do Estado de Mato Grosso, Brasil. Desde 1966 a autora deste trabalho vem realizando pesquisas de campo em companhia de Elizebeth (Bete) Muriel Ekdahl sob auspícios do Instituto Lingüístico de Verão conforme convênio com o Museu Nacional do Rio de Janeiro e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Segue um resumo dos fonemas e acentos da língua Terena: consoantes /p/, /t/, /k/ (oclusivas surdas aspiradas), /'/, /h/, /hh/ (equivalente a /h/ com palatalização), /s/, /x/ (sibilante alveopalatal [š]), /l/, /r/ (flape alveolar), /m/, /n/, /v/, /y/, e vogais /i/, /e/, /a/, /o/, /u/.

Há dois tipos de sílabas acentuadas, simbolizadas por /ˆ/ circunflexo e /' / agudo. O acento agudo indica que uma sílaba é pronunciada com mais força e tom mais alto que as outras sílabas, e que a consoante seguinte é prolongada. O acento circunflexo indica que a sílaba é pronunciada com mais força que outras sílabas e com tom cadente, prolongando-se a vogal.

Todo verbo apresenta duas posições fundamentais de intensidade, chamadas 'primeira' e 'segunda' posição. Existem três padrões de intensidade, e segundo um ou outro deles os verbos podem ser classificados de verbo 1-2, verbo 2-3 ou verbo 1-3. Aqueles que apresentam acento de primeira posição na primeira sílaba e acento de segunda posição na segunda são chamados do tipo 1-2, exemplificado por íhikaxovo 'ele estuda' e ihíkaxovo 'quando ele estuda'. Aqueles verbos que apresentam acento de primeira posição na segunda sílaba e acento de

segunda posição na terceira são chamados do tipo 2-3, exemplificado por oyé 'eko' 'ela cozinha' e oye 'éko' 'quando ela cozinha'. Os verbos que apresentam acento de primeira posição na primeira sílaba e acento de segunda posição na terceira são chamados do tipo 1-3, exemplificado por ókonukoa 'ele pisa nele' e okonúkoa 'quando ele pisa nele'. Fatores como a extensão das palavras podem causar deslocamento de acento, especialmente no caso de verbos curtos. Quando um acento agudo fundamental se desloca até a sílaba imediata, torna-se circunflexo; se deslocado mais uma sílaba ainda, permanece agudo.

2. A autora agradece a ajuda do Dr. Ivan Lowe, sobretudo na organização deste estudo, durante um seminário lingüístico realizado em Brasília, D.F., no ano 1975.

3. A divisão entre estas duas classes é, maiormente a de verbos estativos e ativos, embora haja alguns verbos ativos que derivam sua forma indefinida da mesma maneira que a maioria dos estativos e pertencem, portanto à classe a-. Há igualmente alguns verbos estativos (aqueles que apresentam componente de processo ou são derivados de ativos) que derivam sua forma indefinida da mesma maneira que a maioria dos ativos e pertencem, portanto, à classe -xo. (V. no Apêndice 1 mais detalhes sobre verbos ativos e estativos.)

4. Sendo "o" a primeira vogal de um verbo, o a- se harmoniza em o-, como no caso de koyúho 'ele fala', que no modo potencial é okóyuhó 'que fale'.

5. No modo atual uma forma futura interrogativa da 1ª pessoa do singular como Oye 'éngotimo?' 'cozinharei?' é quase inaudita. É muito comum o modo potencial nestes casos, porém, com o sentido de 'dever'. Mas outras pessoas do verbo, as formas interrogativas do modo atual são muito mais comuns que as do modo potencial.

6. Em apódose simples, numero (1), a oração "se" pode expressar "se" ou "quando" (futuro indefinido), daí 'Se/ quando ela o cozinhar, nós o comeremos.' Quando a apódose contém ínamo 'seqüência futura', contudo, já não é aplicável o significado de 'se', prevalecendo o de 'quando'. Assim, (Enepo) aye 'ékaa, ínamo nikâa ûti. 'Quando ela o cozinhar, então nós o comeremos.'

7. O sufixo -vo 'reflexivo' torna-se -pu no modo potencial.

8. V. Apêndice 2 para mais detalhes sobre kuti e sua relação às ênfases subjetivas e objetivas.

9. Este uso do modo potencial com perguntas acerca de maneira com significado de 'dever' é paralelo à situação descrita no caso de hortativos com entonação interrogativa (seção 1.2.1.2), cujo significado também é 'dever'. V. também nota 5.

10. V. na seção 3.2.1.2 (Locuções temporais com orientação pontual) mais detalhes sobre ação realizada e habitual. V. também Apêndice 3, página A3-6.

11. V. Apêndice 1 para mais detalhes acerca das classes verbais.

12. Verbos tipo experimentador como pîko 'temer', pûvo 'não gostar' e êxo 'saber' são semelhantes a verbos existenciais no sentido de expressarem verdades gerais, tendo como sua forma fundamental (não-marcada) a orientação pontual.

13. V. seção 2 para extensão temporal como opção do modo atual.

14. É um pouco exagerado afirmar que a extensão temporal "não pode ser alternativa das formas negadas". Nuns poucos casos -ti pode ocorrer em formas negativas de evento primário para enfatizar duração limitada, da mesma maneira em que funciona em verbos existenciais, sendo tal uso, contudo, bastante infrequente. Via de regra, a extensão temporal não pode substituir as formas negadas.

15. Existe o auxiliar negativo haina para formas marcadas de durativas. Assim, haina laká'ití significa 'não está / estava molhado'; haina nikôti quer dizer 'não está / estava comendo'. Usado com substantivos, significa identificação negativa, em contraste com ako 'existência negativa'. Daí Haina nje'éxa. 'Ele não é meu filho.', e Ako nje'úxa. 'Não tenho filho.' (Não há filho meu/Filho meu não existe).

16. V. seção 2.1 (Orientação durativa como extensão temporal fundamental)

17. O tipo oracional (equativo) e a sua posição sintática distinguem estas formas marcadas de durativas de formas durativas em função de predicado principal. Se a palavra mongéxa 'minha irmã' fosse eliminada do exemplo, o tipo oracional já não seria equativo; a forma durativa oye'ékoti 'cozinhando' seria então o predicado principal da oração, daí Enepone sêno oye'ékoti. 'Aquela mulher está cozinhando.'

18. Tal não seria o caso, porém, se o contexto extra-linguístico obrigasse a uma interpretação da oração temporal kévo uko como 'quando choveu', i.e., de tempo específico. V. apresentação na seção 3.23.

19. O tempo é sempre futuro em orações temporais do modo potencial. V. nota 6 em relação com a seção 1.2.1.3.

20. Na língua Terena certos adverbiais como kóyekune desempenham papel de predicado principal, estando assim expostos a mudanças de pessoa subjetiva e podendo levar marcadores aspectuais como se fossem verbos regulares. O mesmo se dá no caso de determinadas conjunções, que parecem formar um tipo de predicado superior na estrutura Terena. Desta maneira, o verbo seguinte (laká'i-yea no exemplo citado) leva sufixo verbal secundário -ea; neste caso ocorre o alomorfe -iyea porque o verbo termina em "i", sendo subordinado ao predicado principal tipo adverbial kóyekune 'sempre'.

21. As orações temporais são marcadas como tal pela sua intensidade de segunda posição e pela perda da opção de extensão temporal. V. seção 2.5.1 e Apêndice 2, página A2-2, para informação sobre posição acentual.

22. Devido à brevidade da palavra 'chegar', o acento iria cair na sílaba final, -ne, uma posição não permitida aos acentos agudos. O "e" do sufixo -ne é reduplicado portanto para que o acento não fique na sílaba final.

23. O ambiente situacional pode ser descrito no contexto do discurso anterior, ou pode ser inteiramente extra-linguístico.

24. O v de sufixo -vye representa vogal reduplicada. Seja qual for a vogal final do tema, é reduplicada antes da adição do sufixo -ye. Na ortografia prática, porém, escreve-se somente uma vogal; a prolongação vocálica se nota apenas auditivamente.

25. A ênfase subjetiva é marcada por um acento de segunda posição. V. Apêndice 2 para mais informação sobre posição intensificacional.

26. V. Leech, Geoffrey N. *Meaning and the English Verb*, Lowe & Brydone Ltd, Thetford, Norfolk, 1973, p. 34 para um tratamento do verbo inglês do tempo "presente perfeito" no qual ele distingue aspectos nele incluídos. Introduz o termo "resultative past" como o efeito de um acontecimento no passado que continua no tempo atual. Verifique, também, a mesma distinção semântica no português: "Tenho emagrecido ultimamente" seria o caso do "resultative past" enquanto a pessoa continua magra. A frase "tenho visto pessoas com um olho azul e outro verde", porém, não inclui este aspecto resultante.

APÊNDICE 1, CLASSE VERBAL

Há, na língua Terena, três principais classes verbais:

Estativa, apresentando relação paciente:estado

Ativa, apresentando relação agente:ação

Existencial, classe reduzida cujo componente semântico é de existência ou não-existência.

Seguem exemplos de cada tipo verbal:

Estativo, hánai-ti 'é grande', harará'i-ti 'é vermelho', laká'i-ti 'está molhado', ka'aríne-ti 'ele/ela está doente'.

Ativo, oye'éko-ti 'ela está cozinhando', nikô-ti 'ele está comendo', mikukoâ-ti 'ele está tirando-o/ arrastando-o', isukoâ-ti 'ele está matando-o'.

Existencial, ápe 'ser/estar/existir/haver' (existência positiva), ako 'não ser/não estar/não existir/não haver' (existência negativa), êno 'haver muito/muitos', óvo 'viver/ser'. (Nos casos em que vem ao caso a designação locativa, ápe apresenta duas formas: anêye 'estar aqui' e anêko 'estar lá'---sendo 'lá' determinado lugar definido no contexto lingüístico ou extra-lingüístico.)

APÊNDICE 2, POSIÇÃO ACENTUAL

Todo verbo da língua Terena apresenta duas posições de intensidade. Estas posições acentuais servem para marcar certas distinções gramaticais. A intensidade de primeira posição marca ênfase objetiva ou, no caso de verbos de movimento, ênfase locativa. A intensidade de segunda posição marca ênfase subjetiva.

Exemplo:

<u>Ênfase objetiva</u> (posição 1)	- Kuti oyé'eko? O que ela cozinha?	'O que ela cozinha?
	Na yóno? Onde ela-vai?	'Aonde ela vai?'
<u>Ênfase subjetiva</u> (posição 2)	- Kuti oye'éko? Quem cozinha?	'Quem cozinha?'
	Kuti yonô? Quem vai?	'Quem vai?'

Ambas ênfases são consideradas marcadas em virtude da sua posição acentual e sua ordem sintática, ocorrendo o elemento enfocado no início da sentença.

Exemplo:

Ordem sintática normal:

Oye'éko-ti ne Maria.
Cozinha-duração demonstrativo Maria
'Maria está cozinhando.'

Ordem marcada para ênfase subjetiva:

Maria oye'éko
Maria cozinha-enf.subj.
'É Maria quem está cozinhando.'

Ordem sintática normal:

Oye'éko-ti xúpu.
Cozinha-duração mandioca
'Ela está cozinhando mandioca.'

Ordem marcada para ênfase objetiva:

Xúpu oyé'eko.
Mandioca ela-cozinha
'É mandioca que ela cozinha.'

A intensidade de segunda posição marca também orações temporais e ação consecutiva com relação à conjunção sequencial ina.

Exemplo:

Ênfase temporal (acento 2) -

Oye' éko-a, ako noixo-â-ti.

Quando-ela-cozinhá-lo, não-existir um-vendo-a

'Quando ela o cozinhou, ninguém a viu.'

Ênfase seqüencial (acento 2) -

Kipó'iko-a ina oye' éko-a

Ela-lava-lo então ela-cozinha-lo.

'Ela o lavou, então ela o cozinhou.'

Exige-se também intensidade de segunda posição quando sufixo -ti 'duração' está presente, como em oye' ékotí 'ela está cozinhando'. Além disso, certas conjunções como imókone 'até' exigem o acento de segunda posição no verbo seguinte. Tais conjunções, porém, de matiz temporal consecutivo, poderiam ser incluídas com a ênfase temporal-sequencial acima ilustrada.

Exemplo:

Ako veyá yúku imókone oye' éko.

Não ela-buscar lenha até ela-cozinhar.

'Ela não buscou lenha até cozinhar.'

Além do uso do acento de primeira posição com relação à ênfase objetiva este é também o acento fundamental dos verbos no modo atual. A intensidade de segunda posição é então marcada para produzir uma ênfase especial (temporal, consecutiva, subjetiva, etc.) ou quando obrigada pela presença do sufixo durativo -ti.

A escolha de modo depende da categoria semântica, não da escolha de posição acentual. Assim, pode-se usar uma ênfase subjetiva ou objetiva com verbos de qualquer modo, embora ocorra mais comumente com formas no modo atual.

Exemplo:

MODO

Ênfase subjetiva (acento 2)

Atual

Kuti oye' éko?

'Quem cozinha?'

Potencial

Kuti aye' éka?

'Quem poderia cozinhar?'

Ênfase objetiva (acento ')

Atual

Kuti oyé'eko?

'O que ela cozinha?'

Potencial

Kuti ayé'eka?

'O que ela poderia cozinhar?'

(V. também seção 1.2)

APÊNDICE 3

USOS DE FORMAS DE ORIENTAÇÃO PONTUAL E DURATIVA

I Usos de formas de orientação durativa

1) Como predicado de oração independente:

Nikôti.	'Ele está /estava comendo.'
Oye'ékoti ne sêno.	A mulher está /estava cozinhando.'
Laká'iti ne mâreso.	'A corda está /estava molhada.'
Ka'aríneti mongéxa.	'Minha irmã está doente.'

2) Com certos verbos como tetúko 'cortar' quando o resultado de evento prévio está ainda operativo no tempo presente, i.e., no momento da fala:

(1)	
(Kuti yuvâ xe'éxa?)	'O que é que há com o filho dele?'
Tetukoâti povôti.	'Um machado o tem cortado/tem sido cortado por um machado.'
(2)	
(Kuti yuvâ pânana?)	'O que é que há com as bananas?'
Oro'ókoati kásati.	'O frio as tem 'queimado'/destruído.'

Já que a pergunta se refere à condição atual do paciente (i.e., a criança do exemplo (1) e as bananas do exemplo (2)), restringe a resposta dada a respeito do efeito continuado de uma ação prévia. A resposta neste contexto só pode ser uma forma durativa do verbo.

Na ausência de pergunta prévia como contexto, porém, o conteúdo cognitivo pode ser expressado por uma forma de orientação durativa ou pontual.

Exemplo:

Tetúkoa povôti ne xe'éxa. (pontual)	'Um machado cortou o filho dele/ O filho dele foi cortado por um machado.'
Tetukoâti povôti ne xe'éxa. (durativo)	'Um machado tem cortado o filho dele/ O filho dele tem sido cortado por um machado.'

A forma pontual tetúkoa fala do evento mesmo ocorrido no passado ao passo que a forma durativa tetukoâti fala do efeito resultante²⁶ do evento passado no tempo atual.

3) Em formas verbais usadas em função modificadora (adjetival ou adverbial):

Uso adjetival:

Índuke ne laká'iti mâreso.

Minha a molhada corda.

'A corda molhada é minha.'

Nâku ne hiyá'iti koyuhópeti?

Onde o amarelo livro?

'Onde está o livro amarelo?'

Enepone sêno oye'ékoti mongéxa.

Aquela mulher cozinando minha-irmã.

'Aquela mulher que está/estava cozinando/que cozinha é minha irmã.'

Na yóno ne kalivôno iyôti?

Onde vai a criança chorando?

'Aonde foi a criança que estava chorando?'

Note-se que os verbos estativos como laká'iti 'estar molhado' e hiyá'iti 'ser amarelo' são usados como adjetivos e precedem os substantivos por eles modificados.

Os verbos ativos como oye'ékoti 'cozinando' e iyôti 'chorando' são usados como orações relativas e ocorrem após os substantivos que modificam.

Uso adverbial:

Omómingoti ikapa'í' koêti.

Eu-descansar-durativo papo-para-ar estar-durativo.

'Estou descansando de costas (deitado de papo para o ar).'

Pîho ivu'íxoti pêyo.

Ele-ir cavalgar-durativo seu animal-de-estimação.

'Ele foi cavalgando seu cavalo.' (animal de estimação)

No primeiro exemplo ikapa'í' koêti 'estando de papo para o ar/deitado de costas' modifica a ação verbal de descansar, desempenhando assim função adverbial. Se a pessoa-sujeito do verbo fosse alterada de 3ª a 1ª, i.e., ikapa'í' ngoêti 'Eu estando de papo para o ar', teria função adjetival, modificando o "eu" (pessoa-sujeito) do verbo Omómingoti 'Eu estou descansando'. As duas formas são igualmente aceitáveis.

No segundo exemplo, ivu'íxoti 'cavalgando' modifica a ação expressada pelo verbo pîho 'ele foi'. O sufixo -ti 'duração' está presente novamente por causa desta função modificadora.

4) Como nominal em função de sujeito ou objeto de oração:

Enepone oye'ékoti íningone.

Aquela cozinheira minha-amiga.

'Aquela cozinheira/pessoa que cozinha/ que

está/estava cozinando é minha amiga.'

Itipákovoti ne ihíkaxoti. 'O professor/pessoa que ensina/que está /estava
Ser-honesto/bom o professor. ensinando é bom. (uma boa pessoa)'

Com frequência tais formas usadas nominativamente, como oye'ékoti 'cozinheira' e ihíkaxoti 'professor' têm significado profissional; nem sempre é assim, porém. Por ser neutralizada a opção durativa/pontual em tais formas, qualquer significado dos acima referidos pode ser apresentado por estas formas nominais. (Somente os eventos já realizados na linha cronológica primária cabem na opção de extensão temporal.)

II Usos de formas de orientação pontual

1) Incoativo (mudança de estado) para verbos estativos:

Ká'arine ne kalivôno kiyakáxeke.
Ficar-doente a criança ontem. 'A criança ficou doente ontem.'

Hiyá'i ne nonêti.
Ficar-amarelo o retrato. (cara) 'A foto ficou amarela.'

2) Ação momentânea ou unitária:

Tetúkoa João ne mâreso.
Cortá-lo João a corda. 'João cortou a corda.'

Isúkoa João.
Batê-lo João. 'João o bateu.'

Itúkoa João ne ovokúti.
Fazê-la João a casa. 'João fez a casa.'

Ihápakoa Maria ne repenóti.
Remendá-la Maria a camisa. 'Maria remendou a camisa.'

3) Ação intemporal/habitual:

Niko sôporo ne tapî'i.
Comer milho o frango. 'Os frangos/as galinhas comem milho.'

Íhikaxovo ya yóti.
Estudar à noite. 'Ele estuda a noite.'

Ikó'itukexo úkuluna.
Usar óculos-dele. 'Ele usa óculos.'

O fato de não ocorrer o sufixo -a 'objeto direto da 3ª pessoa em sentenças como as de (3) é significativo para marcar tais formas de intemporais/habituais junto com a forma pontual do verbo. É dizer que em qualquer contexto estas formas devem ser consideradas intemporais/habituais.

A inclusão do sufixo de objeto direto -a em formas do tipo (2), porém, não significa necessariamente que sejam eventos específicos em tempo realizado, pois a mesma forma poderia expressar atividade intemporal/habitual quando empregada com uma palavra temporal que se expressasse intemporalidade (p. ex., "sempre que", cada vez que").

Exemplo:

Isúkoa João uhá' koeti ehevókovo.

Batê-lo João todo-ser quando-mover. 'João o bate cada vez que se move.'

Compare-se esta sentença com o segundo exemplo de (2).

Assim se nota que a distinção semântica entre um ato específico em tempo realizado e uma atividade intemporal/habitual provém do contexto temporal do discurso ou do tipo discursivo e não de qualquer marca evidente no verbo mesmo. (V. novamente seção 3.2.1.2 Locuções temporais com orientação pontual e 3.2.1.3 tipo discursivo e interpretação temporal.)

4) Verdades gerais:

Mbiko vaka.

Temo vaca. 'Tenho medo de vacas.'

Éxoa yúhoikea.

Sabê-lo ler-sufixo verbo 2ª. 'Ele sabe ler.'

Mbuvo manga.

Não-gosto manga. 'Não gosto de manga.'

É mínima a distinção entre a ação intemporal/habitual e as verdades gerais ou abstratas, as quais às vezes convergem. Toda verdade geral é intemporal, mas parece que nem toda atividade intemporal/habitual pode ser facilmente classificada de verdade geral.

LISTA 1

MODA ATUAL

MODO POTENTIAL

		MODA ATUAL		MODO POTENTIAL			
		POSITIVO	NEGATIVO	POSITIVO	NEGATIVO		
NÃO-FUTURO		Durativo (mais <u>-ti</u>) (acento de 2ª posição)	Pontual (menos <u>-ti</u>) (acento de 1ª posição)				
	Estativo	<u>laká'iti</u> 'está/estava molhado'	<u>laká'i</u> 'fica/ficou molhado'	<u>ako aláka'i</u> { 'não está/estava molhado' 'não fica/ficou molhado'	imperativo	(acento de 1ª posição) <u>aláka'i</u> 'que fique molhado' <u>yayé'eka</u> 'cozinhe' <u>âva</u> 'que haja/seja'	(acento de 2ª posição) <u>hoko lakâ'i</u> 'que não fique molhado' <u>hoko yoye'éko</u> 'não cozinhe'
	Ativo	<u>oye'ékoti</u> 'está/estava cozinhando'	<u>oyé'eko</u> 'cozinha' 'cozinhou'	<u>ako ayé'eka</u> { 'não está/estava cozinhando' 'não cozinha/cozinhou'			
	Existencial	<u>ovôti</u> 'está/estava' 'é/era' 'vive/vivia'	<u>óvo</u> 'está/estive' 'é/foi' 'vive/viveu'	<u>ako áva</u> { 'não é/era/está/estava/foi/estive' 'não vive/vivia/viveu'	condicional	(acento de 2ª posição) <u>alaká'i</u> 'se for/ficar molhado' <u>yaye'éka</u> 'se você cozinhar' <u>áva</u> 'se houver'	(acento de 2ª posição) <u>hókoti lakâ'i</u> 'se não for/ficar molhado' <u>hókoti yoye'éko</u> 'se você não cozinhar' <u>hókoti</u> 'se não houver'
	E	<u>laká'itimo</u> 'ficará/será molhado'	<u>ákomo aláka'i</u> 'não será/ficará molhado'				
	A	<u>oye'ékotimo</u> 'cozinhará'	<u>ákomo ayé'eka</u> 'não cozinhará'				
E	<u>ovotímo</u> 'será/estará/viverá'	<u>ákomo áva</u> 'não será/estará/viverá'					
		Forma Superficial Definida do Verbo	Forma Superficial Indefinida do Verbo	Forma Superficial Definida			

MODO ATUAL					
NÃO-FUTURO	Marcação	Opção de Extensão Temporal	Significado	POSITIVO	NEGATIVO
	não-marcado	Durativo (com flexão <u>-ti</u>)	Estativo	<u>laká'iti</u> 'está molhado' 'estava molhado'	<u>ako aláka'i</u> 'não está molhado' 'não estava molhado'
	marcado	Pontual (sem flexão <u>-ti</u>)	Incoativo	<u>lakã'i</u> 'fica molhado' 'ficou molhado'	'não fica molhado' 'não ficou molhado'
FUTURO	<u>laká'itimo</u> 'estará molhado' 'ficará molhado'				<u>ácomo aláka'i</u> 'não estará molhado' 'não ficará molhado'

NÃO-FUTURO	Opção de Extensão Temporal	Significado	POSITIVO	NEGATIVO
	Durativo (com flexão de sufixo <u>-ti</u>)	Progressivo	<u>nikôti</u> 'está comendo' 'estava comendo'	<u>ako nîka</u> 'não está comendo' 'não estava comendo'
	Pontual (sem flexão de sufixo <u>-ti</u>)	Realizado (completo) ou Habitual	<u>nîko</u> 'come' 'comeu'	'não come' 'não comeu'
FUTURO	<u>nikotímo</u> 'comerá'			<u>ácomo nîka</u> 'não comerá'